



***Evangelii gaudium*: renovar as estruturas e o novo ardor da evangelização**

José Odair Vieira¹

Em novembro de 2013 o Papa Francisco publicou a exortação apostólica *Evangelii gaudium*, que em português significa “a alegria do Evangelho”. O documento apresenta o projeto de Igreja que o Papa idealiza para seu pontificado. Uma Igreja que viva a alegria da encarnação e da ressurreição de Cristo. “Reconheço, porém, que a alegria não se vive da mesma maneira em todas as etapas e circunstâncias da vida, por vezes muito dura. Adapta-se e transforma-se, mas sempre permanecendo pelo menos um feixe de luz que nasce da certeza pessoal de, não obstante o contrário, sermos infinitamente amados.” Nesse projeto de uma Igreja revigorada, transparece também uma Igreja inspirada e alimentada no vigor e na alegria de Francisco de Assis. O documento apresenta as questões e as preocupações do Papa desde o início do seu pontificado. O Papa manifesta o desejo de uma Igreja missionária, que saia das sacristias e que detenha especial atenção ao mundo que sobrevive nas “periferias” do mundo e da sociedade humana. Outro elemento suscitado pelo documento é o estabelecimento de diálogo com os meios socioculturais, expressando uma Igreja que saia de si mesma e vá ao encontro do mundo que existe fora de seus muros e portões. “A Igreja em saída é uma Igreja com as portas abertas. Sair em direção aos outros para chegar às periferias humanas significa correr pelo mundo sem direção nem sentido. Muitas vezes é melhor diminuir o ritmo, pôr à parte a ansiedade para olhar nos olhos e escutar, ou renunciar às exigências para acompanhar quem ficou caído à beira do caminho.” A exortação vai ao encontro do Concílio Vaticano II, ao pedir que a Igreja abra as janelas e saia de seus muros para se inserir no mundo. O Papa propõe uma conversão de atitudes da Igreja, deseja que a Igreja seja fermento, uma Igreja das periferias e que esteja no meio do povo sofredor, pois o Papa vê o mesmo que o Cristo já viu em seu tempo: uma Igreja que necessita de pastores. “Posso dizer que as alegrias mais belas e espontâneas, que vi ao longo da minha vida, são as alegrias das pessoas muito pobres que têm pouco a que se

.....

¹ Mestre em Teologia, especialista em Bioética e Filosofia com ênfase em Ética. Professor e pesquisador em bioética e teologia moral e a relação ciência e fé. Jodair.vra@gmail.com.

agarrar.” A dinâmica dessa nova Igreja deve ser alimentada pela descentralização excessiva do clericalismo. Esse é o dinamismo de uma Igreja missionária e povo de Deus, uma comunidade de fiéis. “Não quero uma Igreja preocupada em ser o centro e que acaba presa num emaranhado de obsessões e procedimentos.”

O anúncio do Evangelho é o centro da exortação. O evangelho precisa ser anunciado no mundo de hoje contra a tristeza individualista do homem moderno. “O grande risco deste mundo atual, com sua múltipla e avassaladora oferta de consumo, é uma tristeza individualista que brota do coração comodista e mesquinho, da busca desordenada de prazeres superficiais, da consciência isolada. Quando a vida interior se fecha em seus próprios interesses, deixa de haver espaço para os outros, já não faz entrar os pobres, já não houve a voz de Deus, já não goza da doce alegria do seu amor, nem fervilha o entusiasmo de fazer o bem.” Mas para que isso possa acontecer se faz necessário que a Igreja renove seu ardor buscando “novas formas”, “métodos criativos”. É preciso renovar com uma “reforma das estruturas”. “A reforma das estruturas que a conversão pastoral exige só se pode entender neste sentido: fazer com que todas se tornem mais missionárias, que a pastoral ordinária em todas as suas instâncias seja mais comunicativa e aberta, que coloque os agentes pastorais em atitude constante de saída e, assim, favoreça a resposta positiva de todos aqueles a quem Jesus oferece sua amizade.” A Igreja precisa e deve ser uma Igreja que esteja de “portas abertas”, ou seja, uma Igreja acolhedora a exemplo do bom samaritano. A Igreja precisa retomar a evangelização tendo como princípio a ternura e o vigor do evangelho. Só assim o evangelho se torna fonte de cura e vida para o ser humano, tornando-se fonte de ressurreição. “Há cristãos que parecem ter escolhido viver uma quaresma sem Páscoa.”

É necessário destacar no texto da exortação a preferência que o Papa faz para que sejamos uma Igreja desapegada, ferida e suja, do que uma Igreja triunfalista e afastada da dor e do sofrimento das pessoas. “Prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar a sua própria segurança.” Pois isso é sinal de uma Igreja no trabalho missionário e conforme ao que Francisco de Assis fez quando servia os leprosos fora dos muros da cidade de Assis. O Papa Francisco exorta a Igreja sobre o perigo iminente do “pessimismo estéril” e a preocupação em querer “ser o centro”. O Papa recomenda que o antídoto contra esse mal seja a atenta leitura do evangelho, escutando o que o espírito de Deus nos tenha a dizer, e assim será possível “mudar o mundo, transmitir valores”. “A evangelização também implica um caminho de diálogo.” Somente assim a Igreja assume seu papel no mundo, sendo colaboradora na esfera política, social, religiosa e cultural. Somente o diálogo nos aproximará do mundo moderno, principalmente com as ciências e seu progresso.

A exortação acena para uma Igreja menos clericalista e mais povo de Deus, sendo uma comunidade de fiéis ao abrir mais espaço para o leigo, deixando ele também ser protagonista da história. A exortação vai ainda ao encontro do que São Francisco já pregara: que a Igreja seja fraterna, uma comunidade de irmãos e irmãs onde estejam acima de tudo a paz e o bem do

Cristo vivo e ressuscitado. O leigo, sob o ponto de vista da exortação, não pode ou deve mais ser deixado à margem da Igreja. Para o Papa, a Igreja também precisa “ampliar o espaço para uma presença feminina mais incisiva”. Ou seja, o Papa propõe uma Igreja que esteja aberta para aqueles que estão do lado de fora dessa mesma Igreja. Só assim nossa missão se completa, quando assumimos o compromisso de levar o evangelho para aqueles que não conhecem ainda Jesus Cristo.

Seguindo a mesma coerência dos seus antecessores, a moral social segue o estilo de denúncia do pecado que afeta o ser humano através da fome e da miséria, frutos do egoísmo e da ganância. O Papa Francisco denuncia a atual situação empobrecida do mundo e o sistema econômico que, a seu ver, está vinculado a um “mercado divinizado” sempre mais explorador e selvagem. Todo texto revela a posição firme e coerente com a tradição e a história da Igreja. Com essa fidelidade, o Papa nos mostra seu senso de obediência e que a Igreja não vai mudar sua opinião moral, dogmática, com relação à defesa da vida e da dignidade humana, abominando todo e qualquer tipo de escravidão, ofensa ou pecado que vá contra os valores cristãos e a vida do ser humano.

O Papa manifesta também suas lamentações quando o assunto envolve as perseguições e os “ataques à liberdade religiosa, principalmente quando esse ato é contra os cristãos, particularmente os católicos”. No entanto, a palavra do Papa para a Igreja é de estímulo para que ela seja uma Igreja de alegria, de entusiasmo, porque o evangelho é o alimento e a sustentação do dinamismo que a Igreja precisa ter no mundo e no meio dos homens. “A primeira motivação para evangelizar é o amor que recebemos de Jesus, aquela experiência de sermos salvos por Ele que nos impele a amá-lo cada vez mais. Com efeito, um amor que não sentisse a necessidade de falar da pessoa amada, de apresentá-la, de torná-la conhecida, que amor seria?” A Igreja alegre deve recordar continuamente a alegria do amanhecer daquele domingo da ressurreição de Cristo. Este é o evangelho e o Cristo que precisam ser anunciados. O Papa sugere e instrui seus ministros para prepararem sempre uma boa homilia, deixando o espírito do ressuscitado tomar conta da pregação. E para isso acontecer é indispensável a oração. Nesse sentido o documento retoma a função primordial da homilia como pregação, e que essência do evangelho seja transformada numa catequese.

Outro tema que a exortação destaca é a valorização da pastoral no âmbito do sacramento da confissão. O Papa chama a atenção da Igreja e exorta os sacerdotes para que “o confessional não deve ser uma câmara de tortura, mas lugar da misericórdia do Senhor...”. A exortação termina com a oração dedicada a Maria, manifestando o profundo amor e devoção, como também a necessidade da presença de Maria em seu pontificado e na vida da Igreja e de todo ser humano em sua individualidade existencial. Alegria e esperança, ternura, fraternidade e compaixão, sentimentos e atitudes humanas que marcam a exortação do Papa, demonstrando a forma que a Igreja deve tomar em seu pontificado. “Chegamos a ser plenamente humanos quanto mais permitimos a Deus que nos conduza para além de nós mesmos, a fim de alcançar-

mos o nosso ser mais verdadeiro. Aqui está a fonte da ação evangelizadora. Porque esse amor nos devolve o sentido da vida.” Entendemos que precisamos resgatar e/ou compreender em primeiro lugar o sentido de ser cristão católico e o sentido de nossa existência, para sermos autênticos evangelizadores. Pois só assim compreenderemos as necessidades humanas dos outros que, em suas angústias e dores existenciais, nos pedem uma palavra, um gesto, um afago, que é sem dúvida a necessidade da palavra e da voz de Jesus no santo evangelho, pois é nele que o Pai e o Espírito Santo consolador se manifestam preenchendo o coração, a mente e o espírito de cada ser humano em sua orfandade existencial.